

ISTOE Dinheiro



MÁRCIO KROEHN

Dinheiro na Semana - Henrique Tada - 27/11/2017

O programa Dinheiro na Semana, apresentado por Márcio Kroehn, recebe Henrique Tada, diretor executivo da Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais (ALANAC). O tema do programa de hoje é por que os laboratórios nacionais estão investindo mais do que os multinacionais.

Transcrição

Chamada

Márcio Kroehn: Olá, boa-tarde! Meio-dia e treze minutos e estamos ao vivo dos estúdios da B3, em São Paulo. Eu sou Márcio Kroehn e este é o programa “Dinheiro na Semana”, o seu ponto de partida semanal na economia. O convidado do programa de hoje é o Henrique Tada, diretor-executivo da Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais – a ALANAC. O tema do programa de hoje é o investimento no setor de medicamentos. Por que os laboratórios brasileiros estão à frente dos multinacionais? O Henrique vai mostrar como isso tudo tem beneficiado você, com medicamentos de melhor qualidade e, claro, mais baratos.

O programa está aberto para a sua participação, por isso escreva aqui na área de comentários do Facebook a sua pergunta que o Henrique responde pra você no segundo bloco. Mas, antes, vamos saber se temos de tomar algum medicamento pra terminar o ano, com as informações do nosso telão sobre o que vai movimentar a economia nesta semana.

[“Giro de informações”]

05:04

E chegamos ao destaque do programa de hoje:

[Telão:

DESTAQUE DA SEMANA

POR QUE OS LABORATÓRIOS NACIONAIS ESTÃO INVESTINDO MAIS DO QUE OS MULTINACIONAIS?]

O investimento dos laboratórios farmacêuticos em pesquisa, novos projetos, fusões, entre outros. O Henrique Tada, diretor-executivo da ALANAC, vai mostrar por que isso está acontecendo. Henrique, queria começar perguntando pra você... seja bem-vindo... por que os laboratórios nacionais estão neste bom momento investindo mais do que os multinacionais?

[Legenda: Henrique Tada, diretor-executivo da ALANAC]

Henrique Tada: Bom, é um prazer estar aqui representando a Associação dos

Laboratórios Farmacêuticos Nacionais, que têm âmbito federal, né, no país inteiro. Bom, a indústria farmacêutica nacional, ela tem, sim, investido mais do que os laboratórios de capital estrangeiro nos últimos anos. Isso também casou com uma decisão da matriz das multinacionais de diminuir os investimentos localmente, no país. E a gente tem alguns laboratórios que deixaram de produzir no país e optaram por aumentar, fazer a escala maior de produção em outros países, e então, conseqüentemente, a balança comercial tende a aumentar. A gente tem dados que, nos últimos vinte anos, a importação sempre foi maior do que a exportação, mostrando uma balança negativa...

Márcio Kroehn: Hum-hum, perfeito...

Henrique Tada: ...e agora isso tem se acentuado, talvez, com a crise econômica mostrando agora, por outro lado, as indústrias farmacêuticas nacionais estão aumentando cada vez mais seus parques fabris e investindo cada vez mais no desenvolvimento tecnológico e também biotecnológico.

Márcio Kroehn: Isso, claro, é benéfico pro país?

Henrique Tada: Muito benéfico, porque você aumenta a competição no mercado, aumenta as opções terapêuticas, e com a produção nacional só se beneficia mesmo o país porque isso só é possível com recursos humanos qualificados, infraestrutura, equipamentos de ponta, que isso o país tem conseguido desenvolver.

Márcio Kroehn: Isso também significa que os laboratórios estão contratando ou podem contratar mais pessoas, né?

Henrique Tada: Não só... a crise que aconteceu, econômica no país, graças a Deus, não chegou ainda na indústria farmacêutica, pelo menos nas nacionais... têm conseguido manter os postos de trabalho, com alguns ajustes, né, que aconteceu, por conta... em casos pontuais, né, alguns laboratórios, mas no geral não tem gerado a demissão em massa

que a gente tem assistido em outros setores. E as indústrias estão conseguindo também investir, além do mais fazer, trilhar um caminho da inovação. Pegando como exemplo a biotecnologia, onde poucos países do mundo conseguem produzir seus próprios produtos biotecnológicos. Então isso é uma coisa que são pra poucos.

Márcio Kroehn: O que o Brasil tem feito de inovação [...] de medicamentos,

Henrique? Você consegue dar alguns exemplos pra gente?

Henrique Tada: Desenvolvido produtos com inovação na área de anticorpos monoclonais e outras categorias, na qual o grande comprador desses medicamentos é o mercado público. Então a gente não pode deixar de citar também o Gesis, que é o grupo executivo da indústria farmacêutica, do desenvolvimento da indústria da saúde, onde a ALANAC se insere nesse meio, e é comandado pelo Ministério da Saúde, onde o estabelecimento das PDPs tem sido um grande indutor pra que as indústrias desenvolvam seus produtos com transferência de tecnologia e internalização da produção no país, com acordos entre laboratórios nacionais e empresas multinacionais. Isso tem funcionado, tem conseguido caminhar, onde o país tem muito a ganhar com isso.

Márcio Kroehn: Quando as pessoas ouvem essa mudança das multinacionais pros laboratórios nacionais, isso significa que preços mais baixos elas encontram, que medicamentos de melhor qualidade... como que elas têm que entender essa transformação, essa mudança até, dessa... das fábricas aqui no Brasil?

Henrique Tada: Bom, como eu te falei, o grande comprador desses produtos é o governo. E o governo, ele nunca quer comprar um produto com preço médio ou alto. Ele sempre faz de uma maneira que o preço seja o mais baixo possível. Então isso está sendo até insistentemente, conscientemente trabalhado, onde o preço estabelecido é um preço que tem que ser minimamente bom pras empresas, para poder bancar seus investimentos, e também trazer algum lucro, mas, ao mesmo tempo seja um preço super competitivo, que é um preço muito melhor do que trazer lá de fora ou pegar diretamente do meio privado sem ser por meio das PDPs, que, se for por outro caminho, vai só importar o produto e não

beneficia o país com o desenvolvimento tecnológico.

Márcio Kroehn: Então, o mais importante de se fazer, né, desenvolver internamente, né?

Henrique Tada: Sim, isso aí é até questão de soberania nacional, né, o próprio país desenvolver e produzir seus próprios medicamentos.

Márcio Kroehn: Henrique, fazer uma pequena pausa. Vamos pra um rápido intervalo. A gente volta em um minutinho.

[intervalo]

Márcio Kroehn: De volta com Henrique Tada, diretor-executivo da ALANAC. O nosso tema são os laboratórios farmacêuticos nacionais. Henrique, eu tô com uma pergunta aqui do Facebook, do Israel Siebra: “Como os preços baixam com as vertentes da carga tributária e dos royalties?”

Henrique Tada: Bom, o preço, ele é estabelecido com base em critérios sempre de colocar o preço menor possível. Então isso já define um preço baixo, além de quê, compras públicas é isento de vários tributos, vários impostos. Isso faz com que o medicamento consiga chegar na ponta num valor menor.

Márcio Kroehn: Tá. Eu acredito que ele estaria falando também dos medicamentos genéricos e dos similares em comparação com os de propriedade dos grandes laboratórios.

Henrique Tada: Só o genérico, ele já define, por lei, uma diminuição de pelo menos 35% menor do que o referência. E o medicamentos similar, quando ele entra no mercado, ele também... é feita uma média dos preços dos produtos que já existem. Então sendo uma média, ele vai conseguir colocar um preço bem competitivo.

Márcio Kroehn: Aliás, existia muita resistência por conta dos genéricos e dos similares. Essa resistência do consumidor acabou? Como que vocês têm trabalhado isso? Porque os laboratórios nacionais são muito fortes

nesses dois pontos.

Henrique Tada: São fortes e ano a ano têm registrado sempre aumento. Por conta dos índices das crises acontecidas em 2014, 2015 pra frente, registraram um índices menores, mas mesmo assim índices positivos, né, de crescimento. Nós estamos, assim, com uma expectativa muito boa de melhoria desses números, com os índices que você mesmo citou no começo do programa, onde tem aumentado aí, registrado uma expectativa de aumento do PIB...

Márcio Kroehn: ...Hum-hum, perfeito.

Henrique Tada: ...agora, o genérico e o similar, sem sombra de dúvida, eles têm sido uma opção muito boa, pra tratamentos com preços menores, bem competitivos para a população.

Márcio Kroehn: E obviamente que a resistência toda que existia, por conta do efeito, né, achava-se que não fazia o mesmo efeito, o que não condiz com a realidade.

Henrique Tada: Não condiz, porque nós temos aí registrado sempre aumento de consumo e temos aí uma expectativa de conseguir aumentar, inclusive esse ano, ano que vem também.

Márcio Kroehn: Nosso amigo Israel, tá bem afiado aqui. Ele mandou mais uma pergunta, se não é possível, é possível reaproveitar os medicamentos fora da validade?

Henrique Tada: Negativo. Não tem como. O medicamento vencido não é reciclável. É diferente de outros tipos de produtos, porque se ele está vencido, ele está impróprio pra consumo e não tem outro jeito a não ser ir pra... ser destruído, descartado em local adequado, mas não tem como reaproveitar um medicamento vencido.

Márcio Kroehn: Onde as pessoas podem descartar o medicamento vencido? Nas próprias farmácias?

Henrique Tada: É. Tem farmácias que têm locais adequados pra você

descartar. Isso também está sendo trabalhado a nível federal junto com o Ministério do Meio Ambiente pra firmar possivelmente, no futuro, a expectativa de um acordo setorial ou o governo trabalhar numa proposta de regulamentação, onde nós estamos em conversa com eles.

Márcio Kroehn: E a ideia do medicamento fracionado? Ainda existe essa possibilidade? Isso faz sentido, né, pra você comprar só aquela quantidade que você vai tomar do medicamentos e não desperdiçar. Também tem esse ponto que é muito cruel, né?

Henrique Tada: Com certeza, Márcio. A expectativa de medicamento fracionável já é uma realidade nos hospitais, onde já ocorre o fracionamento das doses. No varejo as opções de apresentações são tantas, onde, apesar de termos um decreto regulamentando a questão do fracionamento pra medicamentos no varejo, não aconteceu ainda. Uma questão de mercado, de opção do próprio mercado, mas é uma questão que nós... tem que ser desenvolvido mais ainda.

Márcio Kroehn: É importante pro consumidor saber disso. Acho que valeria

muito a pena pra todo mundo conseguir comprar só aquilo que vai comprar e acho que o desperdício, que é o pior de tudo nesse ponto, né. E queria [tocar] com você no evento que você participou nesse final de semana, você tava em Miami num encontro latino-americano das associações. O que trouxe de importante esse encontro? O que isso ajuda a indústria nacional pra 2018?

Henrique Tada: Esse encontro, o ponto principal que eu destaco é a expectativa de termos um acordo, uma negociação entre os blocos Mercosul e União Europeia. Isso tá em andamento. A expectativa é de que aconteça um estudo aprofundado do capítulo da proposta da Europa de propriedade intelectual, isso de uma maneira que não altere, na sua essência, mantendo assim a...

Márcio Kroehn: Você explica um pouquinho o que é essa proposta de propriedade intelectual da Europa, pra quem não tá muito familiarizado entender o que isso significa de ruim pra nós aqui do Mercosul?

Henrique Tada: Bom, hoje, por lei, a patente, ela tem um período de

exclusividade de vinte anos. E na legislação existem dispositivos na proposta da Europa de, em algumas situações, aumentar esse período de exclusividade. Aumentar esse período de exclusividade impacta diretamente na permissão pra fazer cópias dos medicamentos de referência, que são os genéricos e os similares. Então isso é essencial. É uma questão que impacta diretamente na saúde pública, né, e ofertar mais medicamentos com preços menores mantendo o mesmo padrão de qualidade, efeito e segurança.

Márcio Kroehn: E aí o que vocês estão pensando nessa negociação com a União Europeia, como vocês trataram pra que isso não atinja todo mundo aqui, da área do Mercosul?

Henrique Tada: A ideia é manter, segurar o texto atual da legislação, mantendo os rigores técnicos sem mexer na... aceitar as propostas de aumentar os dispositivos que ampliam esse prazo. Se ampliar o prazo vai aumentar o período de exclusividade e demorar mais tempo pra que tenhamos no mercado um medicamento similar e o genérico.

Márcio Kroehn: Essa discussão acontece em 2018?

Henrique Tada: Em 2017 ainda, vai ter mais uma rodada, em Bruxelas, e em 2018 também.

Márcio Kroehn: Exatamente. Não é uma discussão fácil, né. Pra gente encerrar nosso papo, Henrique: qual sua perspectiva pra 2018 pro setor, pro Brasil... o que você tem pra falar um pouquinho pra gente aí do que você acha que vai acontecer no ano que vem?

Henrique Tada: Bom, a indústria farmacêutica nacional, ela tá otimista com a melhorias dos índices econômicos, e fazer com que continue investindo cada vez mais na ampliação dos seus parque fabris e também no desenvolvimento da inovação tecnológica e biotecnológica. Assim, a gente consegue manter a soberania nacional na produção dos seus medicamentos e o Brasil ser um expoente nessa área do setor farmacêutico. E com isso aumentando o acesso à população, com preços competitivos, preços menores. Isso é somente com mais competição, mais opções terapêuticas.

Márcio Kroehn: Henrique, obrigado pela sua participação.

Henrique Tada: Muito obrigado por estar aqui e estamos à disposição.

Márcio Kroehn: E muito obrigado a você pela companhia nesse “Dinheiro na Semana” de 27 de Novembro de 2017.

22:00

<https://www.istoedinheiro.com.br/video/?videoid=1ZW5zt1QAF8>